

A ESCOLHA DE ABRAÃO

E OS DESAFIOS DO PRESENTE

Notas do diálogo entre Julián Carrón, Joseph Weiler e Monica Maggioni no Meeting para a amizade entre os povos. Rímíni, 24 de agosto de 2015

MONICA MAGGIONI. Boa noite a todos. Há um pouco de emoção para todos, nesta noite, porque tentaremos atravessar juntos um argumento complexo. Um título como “A escolha de Abraão e os desafios do presente”. E, sobretudo, tentaremos fazê-lo de um modo particular, um modo que nasceu de uma conversa entre três amigos que decidiram aceitar um desafio realmente grande: subverter uma modalidade de relato tendo, porém, no centro as coisas que se dizem, se pensam e se sentem. Então, tentaremos fazer este caminho juntos. E, portanto, começamos o relato.

ABRAÃO E O NASCIMENTO DO EU

Primeira voz. *“O Senhor disse a Abrão: Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu vou te mostrar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra” (Gn 12, 1-3).*

Segunda voz. *“Salta aos olhos aqui, como o projeto mais realista sobre a vida de Abraão não é o seu, mas o projeto de um Outro. E isto, se é aceito na sua manifestação inicial, deve depois ser verificado no tempo. Assim, Abraão experimentará a familiaridade com aquela Presença, que o arrancou e o arrastou para longe de casa, no episódio do carvalho de Mambré (Gn 18), no qual o Ser misterioso será como um hóspede a ser alimentado e servido, à sombra da árvore, ‘na hora mais quente do dia’” (L. Giussani. Em busca do rosto do homem. São Paulo, Ed. Companhia Ilimitada, 1996, pp. 28-29).*

Terceira voz. *“A ideia era que um ser humano deve se tornar real antes que possa esperar receber uma mensagem sobre humana qualquer; isto é, deve-se falar com a própria voz (não uma daquelas vozes tomadas de empréstimo), deve se exprimir os próprios desejos reais (não aquilo que imagina desejar), tanto no bem quanto no mal mesmo, sem nenhuma máscara, nenhum véu ou personagem”. “Como os deuses podem nos encontrar, face a face, enquanto não tivermos descoberto o rosto?” (C. S. Lewis, Carta a um leitor).*

MONICA. Ouvimos as palavras do Gênesis, de Dom Giussani e de Lewis. Joseph Weiler, partimos disso: deste Abraão em relação ao nascimento do eu.

JOSEPH H. H. WEILER. Para mim, o acontecimento de Abrão, ou Abraão, representa uma revolução. Ou melhor, três revoluções. Parto da primeira. Não estou de acordo, padre Carrón, sobre o fato de que é a primeira vez que Deus intervém na história. Houve o dilúvio, e Deus falou com Adão. Fala com Caim, e diz: “O sangue do teu irmão me grita da terra”. E fala conosco. Deus já falou. Mas, a primeira revolução, em Abrão, está na natureza da conversa entre Deus e o homem. E, para mim, a palavra-chave é *Aliança*. Deus *oferece* – não *impõe* – a Abrão uma Aliança. E é a primeira Aliança. E por que insisto que a Aliança é tão importante? Porque numa

Aliança há duas partes: e todas as duas partes são soberanas. “Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai” não é uma ordem, é uma proposta: “Proponho-te que vás embora, proponho-te uma terra prometida: mas tu deves decidir”. Esta natureza da Aliança que responsabiliza o outro, no qual o outro deve tomar a própria responsabilidade, não é uma obediência: é a aceitação de um homem criado à imagem de Deus e que tem a possibilidade de dizer também “não” a Deus. E, com efeito, quando Deus diz a Abrão: “Sai da tua terra”, espera com ânsia para ver como será a resposta de Abrão. Esta é a primeira revolução: não o fato de falar com um homem, mas a natureza da conversa entre dois soberanos.

MONICA. Portanto, tem um passo a mais aí.

JULIÁN CARRÓN. É exatamente este eu capaz de responder que emerge pela primeira vez com Abraão. Porque aquele relacionamento de familiaridade que Deus havia começado com o homem, criando-o, havia sido interrompido: ele não havia mais aceitado a relação com o seu Criador. Por isso, a um certo ponto, Deus quis entrar de novo em relacionamento com aquele homem que havia se afastado d’Ele. Sendo bem consciente, por assim dizer, da necessidade do relacionamento reconhecido e vivido com Ele para o completo atuar-se do homem, Deus tomou uma iniciativa imprevisível: quis intervir de novo, entrando na história e chamando um homem, Abraão, para despertar o seu eu, num certo sentido, para fazê-lo nascer. É a proposta da Aliança que, com efeito, faz surgir um eu capaz de responder a Deus, consciente da própria singularidade irreduzível e da própria tarefa na história; é o pedido de um Tu que gera um eu como capacidade de resposta. É exatamente isso que maravilha na aventura de Abraão: como disse o professor Giorgio Buccellati [*arqueólogo italiano, colaborador da exposição sobre Abraão no Meeting 2015*], para os mesopotâmios não era possível dizer tu ao fato, ao destino. Mas que o eu seja constitutivamente relacionamento com um tu, como nos ensina a história da Aliança, é isto que podemos constatar observando a experiência humana elementar de cada um, sem ter que imaginar o que acontecia no tempo de Abraão. É o que diz esta expressão de um cantor italiano: “Não sou quando não estás, e fico só com meus pensamentos” (*Vorrei*, letra e música de Francesco Guccini). Sem um tu a vida se reduz e tudo se torna previsível. Sem Aliança, sem diálogo com aquele Tu, não há, no fundo, mais nada de imprevisto, nos encontramos presos no previsível, como aconteceu primeiro aos mesopotâmios e depois aos gregos. Devemos, então, nos contentar, como dizia Ésquilo: “Nenhum mortal deve fomentar pensamentos que superem a sua condição mortal”. Ao invés, chamando-o, Deus faz emergir em Abraão todo o seu desejo de homem, para que ele possa dar o seu apoio à proposta da Aliança, percebendo, desde o início, sua conveniência humana. E isto não é, em primeiro lugar, uma questão ética: diz respeito à natureza do eu. Sem aquele Tu, sem aquela Aliança, o eu não é propriamente eu.

WEILER. Estou de acordo. E, para mim, seria preciso interpretar assim também a Terra prometida. Não é apenas um território: a “Terra prometida” é um outro tipo de vida, um outro tipo de responsabilidade, um outro tipo de relação entre seres humanos e seres humanos, e entre seres humanos e Deus. Podemos passar às outras duas revoluções?

MONICA. Sim! Mesmo porque são as revoluções que esta figura de Abraão representa: é a imagem da ruptura do relacionamento. Disso começa, seguramente, um outro tipo de percurso: pode ser visto na exposição, se entende lendo os textos.

WEILER. Como disse Carrón, o protagonista da primeira revolução não é Abrão: é Deus, que oferece uma relação quase de paridade. “Convido-vos!”. Como dizia João Paulo II, “se propõe, não se impõe”. Mas eis as outras revoluções. Deus decidiu destruir Sodoma e Gomorra. Leio:

“Acaso poderei ocultar a Abraão o que vou fazer? Pois Abraão virá a ser uma nação grande e forte, e nele serão abençoadas todas as nações da terra. De fato, eu o escolhi para que ensine seus filhos e sua casa a guardarem os caminhos do Senhor, praticando a justiça e o direito, a fim de que o Senhor cumpra a respeito de Abraão o que lhe prometeu” (*Gn* 18, 17-19). É uma proposta revolucionária, porque até este ponto Deus não instruiu Abraão, não lhe deu a lei, não lhe ensinou a moralidade. A moralidade, a sensibilidade ética, está radicada na razão que faz parte da natureza humana. Isso é revolucionário: quatro mil anos antes de Immanuel Kant, já se encontra uma interioridade que tem a sensibilidade ética de agir com justiça sem ser instruída nem mesmo por Deus. É algo que faz parte do ser humano. Esta é a segunda revolução. A terceira é bem característica de Abraão. Porque Deus diz: “Vou destruir Sodoma e Gomorra”. E Abraão não responde: “Sim, Senhor”. Abraão pede: “Vais realmente exterminar o justo com o ímpio? Se houvesse cinquenta justos na cidade, acaso os exterminarias? Longe de ti proceder assim, fazendo morrer o justo com o ímpio, como se o justo fosse igual ao ímpio! O juiz de toda a terra não faria justiça?” (*Gn* 18, 23-25). Por que isso é revolucionário? Porque, até este ponto, se Deus dizia algo, significa que era, por si mesma, justa. Pelo contrário, aqui, é a revolução copernicana da justiça: “Se não é justo, não pode ser de Deus”. Isso não acontecia antes na nossa civilização. E aqui é bem característico de Abraão...

CARRÓN. Por que, pela primeira vez na cena do mundo, acontece algo que nunca havia acontecido antes? Esta é a pergunta à qual é preciso responder. Esta novidade acontece como consequência de um acontecimento histórico, da entrada do mistério na história, como eu havia acenado antes. O homem, na sua estrutura constitutiva, já existira antes de Abraão; mas, como disse Dom Giussani, aquilo que é, no homem, como estrutura, em potência, emerge e se atua somente em relação a uma provocação. Havia, portanto, necessidade de uma provocação adequada para que viesse à tona toda a sede de justiça que havia no homem Abraão e ele conversasse com Deus pedindo-Lhe as razões de Seus movimentos. Era preciso, em primeiro lugar, que emergisse inteiramente aquela capacidade do eu que pertence, como potencialidade, à estrutura humana. Mas, para isso, era necessário um tu, a intervenção daquele Tu. Como vemos na experiência da criança, que tem necessidade de um tu – o da mãe – para que se desperte a consciência de si. Sem tu não há o eu.

WEILER. Eu tenho esta ideia, fantasiosa: que Deus, antes de dizer “Abraão, vou destruir Sodoma e Gomorra”, decidiu colocá-lo à prova. Deus espera e pensa: “Vamos ver o que Abraão dirá. Se aceita, se dirá: ‘Sim, sim. Tu o dizes: faz então!’”. E, pelo contrário, Abraão, audaz, rebate: “Como é possível que Tu, Deus, o juiz de toda a terra, não faças, Tu mesmo, justiça?”. Bem, neste ponto, na minha fantasia, Deus sorri e diz: “Isso mesmo! Assim o quis, assim o quis!”.

CARRÓN. O que me maravilha é observar que tipo de ser humano emerge pela intervenção de Deus. No diálogo da Aliança entre o Tu de Deus e o seu eu, vemos liberar-se toda a potência do desejo de Abraão. É por isso um determinado tipo de homem que emerge com o avançar da história que nasce com Abraão. Que o salmista possa dizer: “Ó Deus, tu és o meu Deus, desde a aurora te procuro. De ti tem sede a minha alma, anela por ti minha carne, como terra deserta, seca, sem água” (*Sl* 63, 2), nos faz compreender qual provocação deve ter recebido Abraão para que, no seu eu, se despertasse aquela sede. Para poder dizer “Eu” com esta consciência do relacionamento que o funda, para ser despertada até este ponto, a natureza humana deve se encontrar diante de uma provocação adequada.

WEILER. Muito de acordo.

O ENFRAQUECIMENTO DO EU

MONICA. Esta é a provocação: é o emergir desta consciência do eu. Porém, dizia Carrón, esta consciência não é “para sempre”. Não é um resultado que, uma vez obtido, tem uma realidade própria da qual não se move mais. É uma realidade em contínuo devir, a ser reconstruída em cada instante.

CARRÓN. A um certo ponto, Isaías disse: “o atrativo da alma é o teu nome, a tua memória” (*Is* 26, 8). Que atração deve ter experimentado o homem diante daquela Presença, para chegar a dizer: “A ti se volta todo o meu desejo”!

MONICA. Porém... Você diz “Que atração...!”. Mas, às vezes parecemos não sentir aquela atração, não vê-la, não conseguir interceptá-la. É o momento no qual temos a sensação do enfraquecimento do eu.

Primeira voz. *“Há um tempo, tornava-se adulto muito rápido. (...) [Hoje, há uma corrida contínua em direção à imaturidade. Antes] A todo custo, um jovem se tornava maduro. (...) [Hoje, os jovens] não sabem quem são. (...) Preferem ficar passivos (...). Vivem envolvidos num misterioso torpor. Não amam o tempo. O único tempo deles é uma série de instantes, que não são ligados numa cadeia ou organizados numa história”* (P. Citati. Questa generazione che non vuole crescere mai. *La Repubblica*, 2 de agosto de 1999, p. 1).

Segunda voz. *“A ferida foi o tédio, o tédio invencível, o tédio existencial que matou o tempo e a história, as paixões e as esperanças. Eu não vejo doçura em seus olhos. (...) Eu vejo olhos estupefatos, estáticos, aturdidos, fugidios, ávidos sem desejo, cobiçosos sem cobiça, solitários no meio da multidão que os contém. Eu vejo olhos desesperados (...), eternas crianças, (...) uma geração desesperada (...) que avança (...). Buscam sair daquele vazio de plástico que os circunda e os sufoca. A sua salvação está apenas nos seus corações. Nós podemos apenas olhá-los com amor e ansiedade”* (E. Scalfari. Quel vuoto di plastica che soffoca i giovani. *La Repubblica*, 5 de agosto de 1999, p. 1).

“Quem poderia imaginar que a longa parábola que, do Humanismo e do Renascimento – nascidos com a intenção de afirmar o humano – nos tenha conduzido até aqui, teria como resultado esta letargia e este tédio existencial?” (J. Carrón, Madri, 19 de novembro de 2010).

Terceira voz. *“Tudo conspira para nos calar, um pouco como se cala / uma vergonha, talvez, / um pouco como se cala uma esperança inefável”* (R.M. Rilke, Segunda Elegia (vv. 42-44), in *Elegie duinesi*. Turin: Einaudi, 1978, p. 13).

MONICA. Dois intelectuais contemporâneos, Citati e Scalfari; um grande poeta, Rilke; e o senso de contrapor aquela construção de Deus, da qual partimos, a *este* momento, no qual sentimos se dissolver aquela unidade em torno da qual estávamos nos movendo...

WEILER. Eu, como profissão, sou professor de Direito. Ensino nos Estados Unidos, na Europa, na Ásia. Seja onde for, me parece que exista um aspecto comum. Os jovens que assistem às minhas aulas de Direito Constitucional são obsecados com a palavra *direitos*: “direitos do homem”, “direitos fundamentais”, “onde estão os nossos direitos?”... Entendam-me bem, não gostaria de viver numa sociedade que não respeita os direitos do homem, os direitos fundamentais, a igualdade. Mas, há uma palavra que nunca escuto: *responsabilidade*. Deveres. Ninguém, ao invés de me perguntar “professor, quais são os nossos direitos fundamentais?”, pergunta “quais são os

nossos deveres fundamentais? E onde está a nossa responsabilidade?”, ao invés de descarregar sobre os outros a nossa responsabilidade por aquilo que acontece. “É terrível”, dizem. É sempre responsabilidade de alguém. Esta é a redução do eu, esta é a mensagem anti-abraâmica. Ele é uma pessoa que assumiu para si a responsabilidade por seus atos, pela sua existência, por aquilo que acontecia perto dele. Se falamos da redução, se penso em Rilke, em Scalfari, é exatamente esta a palavra-chave: não *direitos*, mas *responsabilidade*. Deveres.

CARRÓN. As palavras de Citati, de Scalfari e de Rilke, se tivermos prestado atenção nelas, descrevem bem no que consiste o enfraquecimento do eu. Mas, se as dimensões do eu se radicam originalmente na natureza humana, como podem enfraquecer historicamente? Por que, do desejo do homem de se tornar mais protagonista, com o qual começou o Humanismo, acabamos neste torpor, neste tédio? Impressiona-me muito esta frase de Hannah Arendt: “O homem moderno não ganhou este mundo quando perdeu o outro mundo, e nem mesmo a vida foi favorecida por isso. (...) É perfeitamente concebível que a idade moderna – começada com uma explosão de atividade humana sem precedentes e promissora – termine na mais mortal e na mais estéril passividade que a história jamais conheceu” (H. Arendt. *Vita activa. La condizione umana*. Milão: Bompiani, 1994, pp. 239-240). É uma frase impressionante, porque obriga a rever a nossa posição: nós pensamos que o relato de Abraão seja apenas para os pios, para os devotos, que faz menção a uma questão ética, que o relacionamento com um tu – com aquele Tu – não seja tão necessário assim para dizer “Eu” com toda a própria capacidade de resposta, de responsabilidade, de consciência. E, pelo contrário, vemos que, tão logo enfraquece este relacionamento, decaímos no torpor e no tédio. Com efeito, a um certo momento, o Mistério, que havia entrado na história com Abraão, foi percebido pelo homem como algo de contrário ou de hostil a si, e esta postura teve como consequência o enfraquecimento do eu. É significativo que certas expressões artísticas, penso no cinema, pareçam retornar praticamente àquilo que era o mundo antigo e greco-latino, antes do chamado de Abraão e do acontecimento de Cristo. Penso na frase de um filme de Ingmar Bergman, *Fanny e Alexander* (1982): “Nós, Ekdahl, precisamente, não viemos ao mundo para sondá-lo até o fundo. Não mesmo. Nós não somos preparados, equipados para certas investigações. (...) Nós vivemos no pequeno..., no pequeno mundo. E nos contentaremos com isso. Iremos cultivá-lo e o usaremos da melhor maneira. (...) A vida é feita assim. [O previsível retorna] Justamente por esse motivo é necessário (...) gozar deste pequeno mundo [no que consiste a vida?], da boa cozinha, dos doces sorrisos, das árvores frutíferas em flor, ou mesmo de uma valsa”. Nisto se tornou o eu, desde quando enfraqueceu a consciência daquele relacionamento constitutivo que é, para nós, hoje, reduzido no máximo a uma espécie de espiritualidade, de ética, de fábula religiosa para visionários. Nós pagamos na nossa pele aquele enfraquecimento, com o nosso torpor, com este nosso contentar-se: faltando a provocação, não urge em nós o desejo de responder, do qual brota toda a potência, a capacidade criativa do eu.

WEILER. Estou de acordo, mas gostaria de introduzir uma “observação”. Eu sou religioso, porém, não devemos pensar que nós religiosos temos a verdade e que os leigos, pela falta de Deus em suas vidas, se condenam a uma redução do eu. Esta redução pode acontecer também na pessoa religiosa.

CARRÓN. Nietzsche já o havia previsto. Anunciando a “morte de Deus”, ele não pensou que a religião tivesse acabado, mas que restaria um certo tipo de religião, incapaz de despertar o eu.

WEILER. O leigo ateu pode ter a vida plena, a sua terra prometida, assumir a sua responsabilidade. Aqui, o perigo é a soberba, a *hybris*. Vocês conhecem o ditado que mais gosto dos profetas? “O

que Deus pede de ti? Fazer justiça, a misericórdia e andar humildemente com o teu Deus”. Então, conselho: *humildemente*.

MONICA. Não é por acaso, acredito, que as três solicitações das quais partimos não eram de homens religiosos, não chegavam de uma dimensão estritamente religiosa...

CARRÓN. Estas coisas não são ditas apenas por nós, homens religiosos, como vemos, porque são a constatação do que acontece. Impressiona-me sempre como Giussani tenha identificado bem o drama do nosso tempo, aquilo que você, Joseph, chamava de “falta de responsabilidade”: é como o enfraquecimento de algo, da “motilidade” do eu, ele disse. Não é tanto um problema de fraqueza ética: “Gostaria de mostrar uma diferença entre as gerações dos jovens de hoje e aquelas dos jovens que eu encontrei trinta anos atrás. Parece-me que a diferença esteja numa maior fraqueza de consciência que se tem agora; uma fraqueza não ética, mas de energia da consciência” (L. Giussani. *L'io rinasce in un incontro. 1986-1987*. Milão: BUR, 2010, p. 181). Não é que os jovens de hoje sejam mais preguiçosos ou menos preguiçosos, não é que cometam mais ou menos erros: sempre cometemos os mesmos erros. A questão é que enfraquece a capacidade de adesão a algo outro de si. Porque, para poder aderir, é preciso uma atração adequada, capaz de mover o eu. O relacionamento – o tu – não é secundário, não é acessório, mas é parte constitutiva da definição do eu: “Não sou quando não estás”. Este relacionamento é crucial.

WEILER. Se temos dois minutos, gostaria de fazer uma pergunta ao Carrón. Penso que tantos que estão aqui tenham esta pergunta, e pode acontecer que tenham medo de fazê-la. Diz respeito à famosa história de Abraão e Isaac. Deus chama Abraão e lhe diz: “Pega o teu filho”. Abraão responde: “Tenho dois”. “O teu filho único”. E ele: “Todos os dois são únicos”. “Aquele filho que amas”. “Eu amo os dois...”. “Pega Isaac e sacrifica-o!”. E Abraão não diz nem mesmo “Sim, Senhor”, sem uma palavra, se coloca a caminho. Pode-se pensar: não é um pouco como esses fundamentalistas de hoje, que, em nome de Deus, estão prontos a cometer crimes tremendos? Como respondemos a este desafio de Abraão?

CARRÓN. É o desafio ao qual, me parece, é preciso responder, porque a questão decisiva é esta: o que pode mover uma pessoa a levar a sério um convite como aquele? O que deve ter visto, experimentado, Abraão? Como o eu de Abraão deve ter sido enredado por aquela Presença, a ponto apenas de levar em conta uma ordem do gênero? Como pode um homem responder a uma provocação como esta? Na Aliança que Deus estabeleceu com Abraão se encontra o início de uma história que, depois, segue adiante, se desenvolve, dá passos e progride. Deus começou por aquilo que havia, pelo eu assim como era no início, com todas as suas dificuldades e todos os seus limites, propondo-lhe uma Aliança para ligá-lo a Si. A história da Bíblia é cheia dos limites do homem, não há nenhuma mitificação do homem, porque é o homem real que é despertado por um Tu. Aceitando essa aposta, a primeira vista irracional, Abraão descobre finalmente o verdadeiro rosto do seu Deus, que não queria a morte de Isaac, mas desejava ligar Abraão a Si, porque exatamente quando o homem enfraquece neste relacionamento comparece o torpor, o tédio invencível, um vazio que não é inócuo, como vemos.

Vídeo de imagens tiradas dos serviços RaiNews24 sobre o atentado terrorista à redação de Charlie Hebdo e ao supermercado Hyper Cacher de Paris, no dia 7 de janeiro de 2015.

O DESAFIO EDUCATIVO

MONICA. Não é que queiramos reduzir este pedaço do presente, este pedaço da história, este desafio contemporâneo à questão do “vazio do eu”; mas a questão do “vazio do eu” está ali dentro, como está ali dentro também a questão da responsabilidade que enfrentávamos antes. Então, naqueles dias, nos dias que se seguiram aos massacres de Paris, nos dias que nos colocaram diante dos olhos a emergência que estávamos vivendo, Julián Carrón escrevia no *Corriere della Sera*:

“Caro diretor, falou-se muito dos acontecimentos de Paris, desde quando ocorreram. Ninguém conseguiu evitar um sobressalto de desorientação ou de medo. As numerosas análises ofereceram pontos de reflexão interessantes para entender um fenômeno tão complexo. Mas, um mês depois, quando a rotina da vida cotidiana assumiu novamente a prioridade, o que é que ficou? O que pode impedir que estes fatos, apesar de tão perturbadores, sejam rapidamente apagados da memória? Para nos ajudar a recordar é preciso descobrir a verdadeira natureza do desafio que os atentados de Paris representam”.

Qual é o desafio, é claro. Porém, a análise de Carrón não para aqui.

*“Por isso, o problema é, em primeiro lugar, interno à Europa e a partida mais importante joga-se em nossa casa. O verdadeiro desafio é de natureza cultural e o seu terreno é a vida cotidiana. Quando aqueles que abandonam suas terras chegam a nossa casa, a procura de uma vida melhor, quando os seus filhos nascem e se tornam adultos no Ocidente, o que é que veem? Podem encontrar algo capaz de atrair a sua humanidade, de desafiar a sua razão e a sua liberdade? O mesmo problema se coloca em relação aos nossos filhos: temos para lhes oferecer alguma coisa à altura da exigência de realização e de sentido que eles trazem consigo? Em muitos dos jovens que crescem no chamado mundo ocidental reina um grande nada, um vazio profundo, que constitui a origem daquele desespero que acaba em violência (J. Carrón, “O desafio do verdadeiro diálogo depois dos atentados de Paris”. *Corriere della Sera*, 13 de fevereiro de 2015, p. 27).*

Julián, naqueles dias, um dos exercícios de maior sucesso por parte de quem quer sempre colocar o problema distante de si, como se fosse *outro* de si, era dizer que aquela história não nos diz respeito. Que aquela história era o emblema de um “nós” e um “eles”, de uma distância, de algo que exatamente porque é *outro de nós* se torna assim. Você, escrevendo esse trecho, reportou, trágica e dolorosamente, aquele pedaço da história para dentro do *nosso* campo, para dentro da *nossa* experiência.

CARRÓN. Porque é assim, é algo que temos em nossa casa. Não me refiro apenas àqueles que chegam de outros países, mas também aos nossos filhos, aos nossos amigos, aos professores com seus estudantes. A questão de Abraão é interessante justamente porque repropõe o mesmo problema: há algo capaz de despertar o eu e oferecer uma resposta adequada àquele desejo de realização que todos temos? Se isso não acontece, o que domina é o vazio. A este vazio não se pode responder com contraposições ideológicas, elas não são capazes de atrair o eu, de despertá-lo, aliás, geram apenas ainda mais violência e mais conflito. Ao longo da nossa história, na Europa aprendemos que não há relacionamento com a verdade a não ser através da liberdade. Por isso, agora que assistimos a uma contínua chegada de pessoas de diversas culturas e religiões, de diversos estilos de vida e expressão, queremos conviver com eles? E o que é preciso para que isso aconteça? O que temos, na nossa bagagem, para poder responder ao desafio que está em nossa casa? Esta é a emergência educativa que diz respeito a todos nós: há algo que pode atrair adequadamente, que pode desafiar uma pessoa de uma cultura diversa que chega até nós? Podemos oferecer algo que seja mais interessante do que a violência? Que seja mais interessante do que o torpor e o tédio? Temos algo para propor às novas gerações? O problema, como dizíamos, não é ético em primeiro lugar, e não se resolve com um apelo moral; é um problema existencial, fundamental, e se resolve apenas se o homem encontra algo que corresponda às suas exigências constitutivas, de forma que lhes vem a vontade, o desejo de se lançarem, de construir e

viver em paz. Ontem, durante o Meeting, escutamos padre Ibrahim contando sobre um muçulmano que foi ao poço do convento franciscano e disse: “Padre, olhando como as pessoas vêm pegar água, com grande sorriso, com grande paz no coração, sem brigas, sem levantar a voz, eu que percorri toda Aleppo e vejo o que se faz, se matam para pegar água nos poços, eu me maravilho: vocês são diferentes, cheios de paz, de alegria”. A questão, então, é se há algo a ser colocado no real, seja lá qual for a sua origem, que possa oferecer uma contribuição para a situação na qual nos encontramos, que vemos sempre mais frequentemente. Este é o desafio educativo.

WEILER. Aqui, queria desafiá-los um pouco.

CARRÓN. Estou disponível, do contrário me canso!

MONICA. Não esperávamos outra coisa...

WEILER. Aqui, apesar de todos os nossos defeitos, temos uma cultura da tolerância. Temos um Meeting com uma orientação específica, que, porém, não tem medo de convidar um judeu com um ponto de vista diferente.

CARRÓN. Com certeza, sim.

WEILER. Temos uma democracia, mesmo que não seja perfeita – a democracia nunca é perfeita, porém é melhor a democracia imperfeita do que qualquer outro sistema. Temos uma busca contínua pela justiça; nunca chegamos, mas buscamos a justiça. Temos também uma cultura rica. Em suma, temos tanto a oferecer. E mesmo aceitando o fato de que há um vazio na vida atual, no entanto o nosso mundo é civil e rico. É importante, devemos insistir nisso. E gostaria também de evitar a tentação de dizer: este vazio na vida explica um certo comportamento. Pode acontecer que o explique, mas não o justifica, porque a pessoa é responsável pelos seus atos.

CARRÓN. A questão é esta: como este tesouro que acumulamos ao longo da história, e que você descreveu muito bem, permanece? Porque, como dizia Goethe, aquilo que recebemos devemos ganhá-lo geração depois de geração (cf. Goethe, Johann Wolfgang. *Faust* (vv. 682-683). Milão: Garzanti, 1990, p. 53). E, como disse Bento XVI, só recomeçando sempre, iniciando constantemente um processo educativo, aquilo que acumulamos ao longo da história poderá se tornar dos nossos filhos (cf. *Carta encíclica Spe salvi*, 24). Esta é verdadeiramente a grande companhia que fazemos uns aos outros. Aquela riqueza que chamamos de “tradição”, como podemos transmiti-la de modo atraente, para não acabar destruindo tudo, desconsiderando o valor do esforço que fizeram as gerações que nos precederam para chegar até aqui? Como podemos propô-la de um modo tão atraente que os nossos contemporâneos a descubram como um bem para si e não precisem recomeçar sempre do zero depois de tê-la destruído? Este é o desafio.

MONICA. Você disse que a maior emergência de todas é exatamente a educativa. Nós escolhemos essa foto de Sebastião Salgado, que faz parte da magnífica série *Gênesis*.



Olhando-a, olhando aqueles pinguins, eu vejo algo ao mesmo tempo belíssimo e muito feio: leio a força da educação, do modelo a ser seguido, daquilo que o leva em direção à sua inclinação e leio também, porém, o *mainstream* (estabelecido). Nenhum deles decide mergulhar de outro ponto, nenhum deles coloca em jogo o próprio eu e diz: “Eu mergulho daqui”. Estamos numa época na qual o “pinguinismo”, que nós hoje tomaremos emprestado daí, me parece muito forte: é um fator que atravessa as nossas construções de relato, as nossas construções de pensamento e de homem. E, então, é aqui que se torna um desafio educativo. Professor Weiler...

WEILER. Então, há dois minutos eu disse: temos tanto a oferecer. A democracia, os direitos fundamentais, a tolerância, etc. Mas, devemos também ser honestos, porque eu sempre disse que a nossa civilização ocidental tem dois fundamentos: de um lado, Atenas, o Iluminismo, o neokantismo, os direitos etc. E, de outro lado, a tradição judaico-cristã. Todos sabemos disso, hoje – não se pode andar pela Itália sem vê-lo –, que esta é uma parte integral da nossa civilização. O mesmo “São Jürgen Habermas” admitiu que, para falar verdadeiramente dos direitos fundamentais, as raízes da tradição cristã são fundamentais. Porém, este fato é negado. Todos recordamos a feia história da Constituição europeia: até mesmo mencionar, simplesmente, o fato de que entre as raízes da tradição europeia, ao lado do Iluminismo, há o cristianismo, foi impossível. Então, diante da sua pergunta – “como podemos fazer?” – eu diria: aprendemos uma coisa, que esta tradição não pode ser imposta!

CARRÓN. Porque aprendemos que o único relacionamento com a verdade é o que passa através da liberdade.

WEILER. Justo! Então, a resposta é: o testemunho. O viver uma vida que seja parte integrante daquilo que temos para oferecer aos outros, a nós mesmos. Em inglês se diz *compelling*: algo que *se impõe*, porque é mais que atraente. Não é possível viver sem. Mas, é possível apenas com o exemplo, o testemunho.

CARRÓN. Mas, é exatamente este o desafio, porque, como disse o nosso amigo Antonio Polito, com quem apresentei um livro seu sobre educação, o problema é que “a nossa sociedade envelheceu nas suas esperanças e nas suas expectativas” (A. Polito, Antonio. *Contro i papà. Come noi italiani abbiamo rovinato i nostri figli*. Milão: Rizzoli, 2012, p. 144). Ou, como dizia Dom Giussani, “a todas estas gerações de homens não foi proposto nada”. O que faltou foi justamente este testemunho. Tantos, sempre disse Dom Giussani, têm como preocupação apenas oferecer como proposta “uma segurança de vida fácil, de vida sem riscos” (*L’avvenimento cristiano*. Milão: BUR, 2003, p. 126), evitando aos filhos o trabalho necessário para que se tornem aquilo que os pais conquistaram; nós queremos poupá-los isso. Mas, fazendo assim, apenas os ajudamos a cavar a própria cova.

WEILER. E eu, desculpem-me, não posso não dizer que 11 anos atrás, vim até aqui com a minha família e que, hoje, o Meeting é muito especial para mim, porque uma das minhas filhas, que então tinha 10 anos e agora tem 21, está aqui. É aquela moça loira com os cabelos pintados de violeta: muito significativo depois da partida de ontem, para vocês torcedores do Milan, hein?

DE ONDE RECOMEÇAR?

MONICA. É, sim, tem a história de todos aqui dentro... Porém, o problema, neste ponto, está claro. Partimos de Abraão, vimos o sistema entrar em crise e, portanto, a questão, agora, é exatamente: de onde se recomeçar? Entre as tantas coisas muito importantes para as quais chamou a nossa atenção, Bento XVI disse uma frase: “As boas estruturas ajudam [e eu, pessoalmente, acredito muito que as boas estrutura ajudem: são fundamentais, não se pode prescindir delas], mas sozinhas não bastam. O homem nunca pode ser redimindo simplesmente de fora” (BENTO XVI, *Carta Encíclica Spe salvi*, 25). Então, queria lhes propor esta última provocação: de onde recomeçar?

Primeira voz. *“Uma crise nos obriga a retornar às perguntas; exige de nós respostas novas ou velhas, na condição de que sejam resultantes de um exame direto; e se transforma numa catástrofe somente quando nós buscamos enfrentá-las com juízos preconcebidos, ou seja, preconceitos, agravando assim a crise e, além do mais, renunciar a viver aquela experiência da realidade, a utilizar aquela ocasião para refletir, que a crise mesma constitui”* (H. Arendt, *Tra passato e futuro*. Milão: Garzanti, 1991, p. 229).

Segunda voz. *“A solução é uma batalha para salvar: não a batalha para deter a astúcia da civilização, mas a batalha para redescobrir, para testemunhar que o homem depende de Deus. (...) O perigo mais grave de hoje é (...) a tentativa, por parte do poder, de destruir o humano [o nosso verdadeiro recurso]. E a essência do humano é a liberdade, ou seja, a relação com o infinito. Por isso, é sobretudo no Ocidente que a grande batalha deve ser travada pelo homem que se sente homem: a batalha entre a religiosidade autêntica e o poder. O limite do poder é a religiosidade verdadeira – o limite de qualquer poder: civil, político e eclesiástico”* (L. Giussani, “Cristo, tudo o que temos”. *Passos-Litterae communionis*, n. 27, março de 2002).

Terceira voz. *“A letícia é o reflexo da certeza da felicidade, do Eterno, e se forma de certeza e de vontade de caminho [uma certeza que nos coloca em caminho], de consciência do caminho que está se realizando. (...) Ser cheios de letícia é condição indispensável para gerar um mundo diverso, uma humanidade diversa. A letícia é como a flor do cactus, que na planta cheia de espinhos gera algo bonito”* (L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*. Milão: BUR, 2013, pp. 240-241).

MONICA. “É a beleza que nos salvará”, disse Papa Francisco. A beleza, a letícia, a superação da crise que havia nas palavras de Hannah Arendt, que escutamos no início.

Violino (J.S. Bach, Adagio da *Sonata n.1 em sol menor* para violino solo BWV 1001).

WEILER. É preciso um minuto para recuperar, porque...

CARRÓN. Mas, é exatamente daqui que se recomeça! Deste instante no qual a pessoa é tomada de novo, porque tem algo no real que o atrai mais do que todas as faltas, do que todos os limites que tem, de todas os problemas em que estamos envolvidos. Há um momento, diante de algo como

esta música, diante da beleza, no qual o eu começa de novo. Não é preciso nada. É preciso apenas que aconteça.

WEILER. O “spirto gentil”?

CARRÓN. Exato, o spirto gentil.

WEILER. Seria preciso reler estas palavras de Giussani: “Por isso, é sobretudo no Ocidente que a grande batalha deve ser combatida pelo homem que se sente homem: a batalha entre a religiosidade autêntica e o poder. O limite do poder é a religiosidade verdadeira – o limite de qualquer poder: civil, político e [notem a sua grande humildade] eclesiástico”. Uma mensagem importante. De onde recomendar? Da beleza deste espírito autocrítico que está pronto para limitar a si mesmo. E pode acontecer que seja possível visitar o “Sai” de Deus a Abraão. “Sai da tua terra, do meio dos teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu vou te mostrar”. Não falamos tanto, até agora, da *personalidade* de Abraão. Mas, esta iniciativa exige coragem, exige determinação. Jogar tudo para trás, jogar fora tudo aquilo que é confortável, cômodo; e tudo com o ideal de uma Terra prometida, de começar um novo caminho. Mesmo esta mensagem faz parte da resposta à pergunta “de onde recomendar?”: com a coragem!

CARRÓN. Na mensagem que mandou para o Meeting, Papa Francisco captou “a” pergunta: “Diante [da estranha anestesia] do torpor da vida, como despertar a consciência?” (Francisco. *Mensagem para a XXXVI edição do Meeting de Rimini*, 20-26 de agosto de 2015), como despertar o eu? Esta é a pergunta decisiva com a qual todas as visões, todas as propostas, todas as instituições, todos, todos devemos prestar contas. Só quem tem uma resposta para esta pergunta poderá dar uma contribuição real para enfrentar aquele enfraquecimento do eu diante do qual nos encontramos. E esta é uma oportunidade para todos. Impressiona-me que, em 1992, numa situação terrível, Dom Giussani tenha dito: “E, no entanto, de modo paradoxal, existam, transversalmente a todas as posições, homens que, pelo contrário, têm uma sensibilidade rara, difícil de encontrar. É um fato ocasional e transversal. Esperamos que estes homens possam dar aquilo que têm. Então, se conseguiria tapar, limitar os danos. (...) Quem sabe se este desejo de tornar menos difícil a vida dos próprios filhos (...) rompa (...) o horizonte”. Ou seja, se quem tem este desejo de ajudar os filhos ou os companheiros de estrada, entende que, para poder realizar esta ajuda, precisa propor um ideal, uma esperança. “Quando falava de transversalidade, pensava sobretudo em certos homens judeus e em certos homens do islã, que parecem os mais próximos daquilo que dissemos antes, da sensibilidade que pode romper o horizonte” (L. Giussani, *L’avvenimento cristiano*. Milão: BUR, 2003, pp. 125-127). Cada homem que possua esta sensibilidade rara, de qualquer origem, de qualquer proveniência que seja, tem a possibilidade de dar uma contribuição. É uma oportunidade também para nós cristãos, para dar testemunho de uma vida mudada. Este é o fascínio do momento presente. Fico impressionado que o Papa ainda, ao invés de se lamentar da situação, como se faz frequentemente, afirme: “Para a Igreja, abre-se uma estrada fascinante, como foi no início do cristianismo [sem nada, como foi no início do cristianismo], quando os homens se afligiam na vida sem a coragem, a força ou a seriedade de formular as perguntas decisivas” (Francisco. *Mensagem para a XXXVI edição do Meeting de Rimini*, 20-26 de agosto de 2015); e é um caminho para despertar o eu humano. Qual é o caminho, qual é a modalidade com a qual o homem descobre a sua verdade, a verdade de si? Dom Giussani, de novo, é magistral: “O homem reconhece a verdade de si através da experiência da beleza, através da experiência de gosto, através da experiência de correspondência, através da experiência de atração que ela [a verdade que se faz encontro] suscita, uma atração e uma correspondência total, não total quantitativamente, total qualitativamente! (...) A beleza da verdade é o que me faz dizer: ‘É a

verdade!” (L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose. 1979-1980*. Milão: BUR, 2007, pp. 219-220); me faz dizer isso pela atração que gera, na medida em que me atrai. Por isso, a pessoa, o eu, se reencontra num encontro com a beleza encarnada de uma testemunha. O testemunho é a única modalidade de servir a verdade, uma modalidade que é, ao mesmo tempo, respeitosa da liberdade do outro e da possibilidade de proposta; uma proposta que não é uma teoria, uma lição, mas aquilo que Dom Giussani chamava de uma hipótese de trabalho encarnada em alguém. Por isso, identificava o verdadeiro desafio dizendo que aquilo que falta não é a repetição verbal ou cultural do anúncio. Com efeito, insistia sobre o fato de que o homem de hoje espera, mesmo inconscientemente, encontrar no próprio caminho pessoas cuja a vida é mudada (cf. *L'avvenimento cristiano*. Milão: BUR, 2003, pp. 23-24), pelo encontro com Cristo ou com a própria forma religiosa. Todos estamos esperando esta provocação adequada que faça emergir a potencialidade do eu. A verdadeira questão é que tal provocação se veja na letícia do rosto, porque “ser cheios de letícia é condição indispensável para gerar (...) uma humanidade diversa” (L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo. 1990-1991*. Milão: BUR, 2013, p. 240). Convidando-nos, os cristãos, a alimentar o desejo do testemunho, o Papa sublinhou que “só assim é possível propor na sua força, na sua beleza, na sua simplicidade, o anúncio libertador do amor de Deus (...). Só assim se vai com aquela postura de respeito [de humildade] em direção às pessoas” (Francisco. *Audiência com os participantes da Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*, 7 de fevereiro de 2015). Por isso, a pergunta é simples: “Mas, nós, cristãos, acreditamos ainda na capacidade da fé que recebemos de exercer uma atração sobre aqueles que encontramos e no fascínio vencedor da sua beleza desarmada?” (J. Carrón, *Corriere della Sera*, 13 de fevereiro de 2015, p. 27).

WEILER. Você é um homem audacioso, padre Julián Carrón. Pensem que “contracultura” escolher a figura de Abraão e colocá-la no centro do Meeting! Exige audácia. E temos que reconhecer também a mesma audácia em Monica Maggioni, nova diretora da RAI. Você também é audaciosa ao vir até aqui e moderar um encontro que coloca Abraão no centro da discussão...

MONICA. Acontece...

WEILER. É o seu espírito, padre Carrón. E também o espírito de Giussani. É possível dizer: “Em ti se chamarão benditas todas as famílias da terra”.

MONICA. Obrigada! Isto acontece quando pessoas que mudam a vida se encontram. Homens com sensibilidade rara, como aquele Abraão. Homens que são capazes de romper o horizonte. E, então, se entende como é o círculo de onde tudo partiu e sobre o que tudo se vai encerrar.

Violino (J.S. Bach, Andante da *Sonata n.2 em La menor* para violino solo BWV 1003).

Primeira voz. “O Senhor disse a Abrão: Sai de tua terra, do meio de teus parentes, da casa de teu pai, e vai para a terra que eu vou te mostrar. Farei de ti uma grande nação e te abençoarei: engrandecerei o teu nome, de modo que ele se torne uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Em ti serão abençoadas todas as famílias da terra” (Gn 12, 1-3).

MONICA. Obrigada! Obrigada a Roberto, ao violino, a Matteo, a Giampiero e a Federica, os leitores. Obrigada a todos vocês. Obrigada pelas coisas que nos unem e por aquelas que nos dividem, pelas igualdades e pelas diferenças. Obrigada!